

A ÁFRICA ENSINANDO A GENTE

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **A África ensinando a gente**: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

Vitor Vinícios da Silva¹

O livro de Freire e Guimarães não é uma escrita única, mas subdividido em conferências, entrevistas e conversas informais. Por meio delas aprendemos o valor e a amplitude da pedagogia de Paulo Freire a nível internacional, neste caso falamos especificamente dos países africanos, o que não nos impede de ressaltá-la num âmbito maior. Além dessa ótica, temos um entrelaçamento com os valores culturais dessas regiões que refletem em grandes aprendizados de uma cultura milenar. O título faz jus a essa compreensão, ou seja, por meio dos desafios históricos e atuais enfrentados por nações que foram colonizadas por anos na busca de reconstrução de uma educação crítica e libertadora é que retiramos as pérolas. A presença de uns dos maiores pedagogos da modernidade - em conjunto com algumas das culturas mais ricas de experiência - gestou esse belo livro denominado *A África ensinando a gente*: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, de Paulo Freire e Sérgio Guimarães.

O livro é construído pelo esforço de Sérgio Guimarães que o faz em memória ao grande educador Paulo Freire. O seu tecido total aborda de forma magistral um problema que ainda se faz presente em muitos países africanos, acredito que não apenas Angola, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, mas também em outros tantos países que constituem o vasto continente africano, que é o problema linguístico que desagua uma série de outros problemas em relação à educação.

(NEO) COLONIZAÇÃO LINGUÍSTICA COMO EMPECILHO PARA UMA REAL INDEPENDÊNCIA E OS PROBLEMAS EDUCACIONAIS

A constatação da colonização linguística que se deu nesses países ainda é obstáculo para uma real independência, em países que, a princípio, foram divididos conforme os anseios

¹ Graduado em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA/MG)/e-mail: itorvinicios916@gmail.com

das grandes potências capitalistas e não de forma natural, ou seja, em etnias corroborando de tal forma para esses desafios. Assim, temos países com “18 línguas, além do crioulo, como a Guiné-Bissau” (p. 42) ou países com cerca de 62 línguas ou dialetos. Com a independência houve a adoção de uma língua veicular para que houvesse uma comunicação no âmbito político, religioso e de outras esferas. A adoção normalmente é a língua do colonizador que, de certa forma, ainda impede grande parte dessas nações de obterem um processo de aprendizagem real. Por outro lado, a adoção dessas línguas maternas como veiculares não poderia acontecer sem um árduo processo do Estado na transcrição de línguas orais para a escrita. O real problema é que se essas línguas fossem adotadas não conseguiríamos efetivar, de fato, o processo de alfabetização, do ensino da leitura e escrita, uma vez que a maioria das línguas existe apenas na esfera oral.

Outro fator relevante é que a adoção de uma língua estrangeira impede uma real participação política de todo o seu povo. A neocolonização se dá por meio da linguagem a partir do momento em que a língua não é entendível a todos; em outras palavras, não comunica a mensagem e acaba movimentando massas. A linguagem tem que ser um veículo que atenda a todos na formação social e cultural de um povo. Com isso, Freire deixa claro que é necessária uma superação da herança colonial, no sentido da criação de um novo sistema educacional e, apenas assim, terão uma independência, mas apenas quando tomarem consciência da palavra.

O pedagogo Freire, em suas conversas-respostas, nos traz dois conceitos essenciais para entendermos um pouco da realidade social desses países, de modo especial Angola, na qual vivo e constato tal situação. No processo de independência há um manifesto de euforia que se configura por meio de duas consciências: a consciência revolucionária e a consciência rebelde. A consciência revolucionária é a inquieta, paciente e revolucionária em relação aos objetos, aos meios, aos recursos e até mesmo às táticas. Já a consciência rebelde é aquela que é profundamente emocional, “[...] ela identifica qualquer ordem, qualquer disciplina, com a velha ordem e a velha disciplina que, no fundo, eram ordem e disciplina de classes dos colonizadores sobre as massas. É tendência de repudiar, parta de onde parta essa ordem” (p. 61).

É nesse panorama que grande parte dos estrangeiros à cultura desses países pode se assustar com a forma que se relacionam os educadores e os educandos, ou seja, de forma rígida, confundida por muitos estrangeiros como autoritarismo (p. 60). Mas, como salienta o pedagogo, é necessário partir pelo processo histórico do país e tentar compreendê-lo em suas

raízes. “Às vezes não há autoritarismo, mas uma necessidade indiscutível posta pelo processo histórico do país” (p. 60), que nos pede para fazer uma redução sobre sua própria realidade.

Por outro lado, podemos constatar que há sinais de uma colonização linguística ou imperialismo linguístico nas mentalidades emergentes de vários países. A adoção de uma língua veicular distante da realidade cultural de um povo, mesmo nos idos anos, ainda reflete na atualidade. Essas línguas muitas vezes não possibilitam expressar sua ciência, arte e sua técnica. Assim, “a arte do colonizado é folclore, e a arte do colonizador é cultura” (p. 40); ou outro exemplo, dado pela entrevistada Alda Neves da Graça do Espírito Santo, ex-ministra da educação de São Tomé e Príncipe, que diz: “o professor disse que o país não tem frutas, que frutas são uvas, maçãs [...]” (p. 68). É contra esse tipo de mentalidade que Freire propõe a educação. Outro fator é a negação da história, que não ocorre apenas nesses países africanos, mas em muitos países que foram colônias como, por exemplo, o Brasil. A história dos países é, muitas vezes, contada a partir da chegada do colonizador, como se não existisse história antes da chegada deste. É contra essa ideologia linguística e histórica que a educação tem que se atentar e dela se libertar.

A EDUCAÇÃO COMO UM PROBLEMA DE TODOS

Em entrevista com a supracitada ex-ministra de São Tomé e Príncipe, feita por Sérgio Guimarães, há um fato muito difundido em âmbito global assinalado por ela, que é uma má compreensão da educação. A educação muitas vezes é vista e reduzida como um problema do Estado, como se ele sozinho devesse sanar os problemas educacionais e, conseqüentemente, as rebeldias das crianças e jovens. Porém, a educação deve ser vista como um compromisso de todas e todos. A verdadeira educação crítica e libertadora é integral e se dá nas diversas esferas da sociedade, principalmente na família. O livro nos possibilita ver que, se os diversos países continuarem a pensar que a educação se dá apenas nas seis horas a sete horas em que o educando fica na escola, estaremos apenas alimentando uma educação de massas, ou seja, adestrando nosso povo. Em outras palavras, a educação entra por aquilo que nós vemos, pelos nossos olhos, pelos órgãos e sentidos, por isso temos sempre que nos bombardear por coisas positivas, diz Espírito Santo. Em muitas nações devemos resgatar essa compreensão amplificada de educação. Esse processo de aprendizagem deve ser uma questão de compromisso, de conduta e de atitude. O professor Sinfrônio de Jesus de Nazaré Mendes, de São Tomé e Príncipe, faz uma bela comparação quando diz que o educador (todos nós) deve

ver a educação como uma plantação prazerosa onde você joga a semente, cultiva e se entusiasma ao vê-la dar frutos.

O DESLEIXO DA EDUCAÇÃO

Sabemos que a educação é um dos grandes fatores que incidem no crescimento do país. Países com grandes chances de serem reais potências se frustram quando a “mais valia” toma o lugar da educação. Na análise do professor Mendes, o equívoco dessas nações é quando compreendem que a educação não leva a lugar nenhum, e que o melhor é trabalhar. Dessa forma, não há a construção de uma sociedade crítica, informada e preparada para enfrentar os reais problemas que aparecem. Os países têm que ter em mente que educar o povo é, ao mesmo tempo, dar-lhe responsabilidade pela nação; perceber que não é também qualquer educação, é a educação libertadora e crítica. Uma educação depositária não resolveria o problema, mas sim a dialética. O processo, diz o professor, “é o educador transmitir, o aluno ouvir, cozinhar e reagir”.

Enquanto a educação for relegada ao acaso ou deixada de lado, muitos problemas se arrastarão por anos. Essa ideia de educação-compromisso impediria o que ocorreu em Angola, no Brasil e em diversos países que demonstram a redução do espaço democrático, momento em que partidos políticos não estão de fato preocupados com a reconstrução ou desenvolvimento do país, mas com a ocupação do poder. “O Ideal com “I” maiúsculo não existe, mas apenas o ideal de “i” minúsculo, ou seja, os interesses pessoais de cada partido”. Dessa forma, há muitos partidos revestidos de democracia que na realidade é apenas uma roupagem para esconder a vontade de poder.

A LIMPEZA IDEOLÓGICA

a entrevista com um dos grandes escritores de Angola e grande contribuinte no processo de reconstrução da nação, Pepetela, vemos um fato reavivado em países como o Brasil, a ideia de “limpeza ideológica” ocorrida em Angola e reutilizada por muitos partidos de cunho conservador para alcançarem seus ideais, com “i” minúsculo. Entretanto, foram esses erros que impediram, por exemplo, como o livro nos relata, que Angola tivesse um desenvolvimento no campo educacional, político e social.

O discurso de que os estudos e a educação de algumas matérias eram ideológicos foi o meio para dominar, mas também para levar à falência de um Estado. Eliminar o estudo da real história do país, da história da luta, da resistência ao colonialismo é impossibilitar a consciência de identidade de um povo. No fim, “essa história de limpar ou tirar ‘ideologias’ já carrega em si um componente ideológico”. Nessa perspectiva é necessário ler o passado para não cometermos os mesmos erros, principalmente, na atual conjuntura de polaridades em que nos encontramos.

O DISCERNIMENTO DE FICAR COM AQUILO QUE É BOM

O livro resgata o equívoco na compreensão de independência que ocupa as mentes de muitos. O fato de o país se tornar independente não quer dizer que negará tudo aquilo que foi deixado, consciência rebelde, para construir novamente. É necessário saber aproveitar aquilo que ficou de bom ou o que nos possibilita um crescimento maior. Um exemplo dado é na entrevista com o professor Mário Cabral, da Guiné Bissau, que diz que “o uso da língua portuguesa não quer dizer um manter-se colonizado, mas diante das riquezas linguísticas e dos obstáculos que semiaparecem usaremos-la para abrir caminho.”

A escolha, como nos ensina esses países de grande riqueza linguística, se dá num momento em que se tem uma variedade de línguas que estão atreladas, muitas vezes, a questões políticas, e escolher uma delas como língua veicular se torna motivo de grandes conflitos. É importante também levar em consideração que o ensino da língua tem que ter a “necessidade”, ou seja, aquilo que é aprendido tem uma necessidade na vida cotidiana da pessoa. Um exemplo é ter que ler uma receita de um bolo e outros mais, o ensino tem que ter sentido para o educando. Outro fator em questão é o do direito a todos, ou seja, se uma etnia é educada na língua materna dará também o direito a outras etnias a terem educação na sua própria língua materna. Caso contrário esse fator impossibilita a comunicação com os demais, além de sofrer com o preconceito linguístico. Mas, ao mesmo tempo, como construir um quadro de professores com povos que são minorias? O Estado daria conta de corresponder a esses desafios? Esses e outros são alguns dos desafios que nos demonstram a necessidade do discernimento na hora das escolhas políticas de nossos países. Assim, é possível afirmar que o discernimento deve ser pressuposto de qualquer decisão que se tome não apenas no âmbito educacional, mas também nos vários âmbitos de que um Estado se compõe.

APRENDIZADO

Como podemos ver, há muita coisa a nos ensinar essa mistura de resistência e pedagogia libertária dos países africanos. Nesta resenha, alerto para os equívocos a que os ideais pessoais podem nos levar, isto é, à decadência cultural e social. A partir dessas falas podemos perceber que a educação deve ser levada em consideração com seu real valor. O Estado deve se atentar para o grande valor que a educação tem para seu crescimento; de outro lado, “quando se atenta ou investe apenas nas forças armadas é porque visa ter que controlar o cidadão e porque não existe o mínimo de capacidade de gestão”, como nos ensina a África. A paz social e o desenvolvimento acontecem quando há governança, e é isso que deve permear a consciência do nosso povo e dos nossos líderes.

Com base nessa obra, podemos afirmar que em uma sociedade democrática e saudável todos os sujeitos participam da construção educativa do país. O compromisso com a educação é de todos e para todos. Um verdadeiro crescimento se dará quando sujeitos marginais começarem a participar da construção social ativamente. Nos vários exemplos que o livro nos apresenta temos o importante papel da mulher que muitas vezes permanece nas entrelinhas. Nas palavras de um dos grandes pensadores e pedagogos africanos Amílcar Cabral, ressaltamos: “[...] a mulher não goza de nenhum direito social: participa na produção, mas não colhe seus frutos” (p. 160). Essa máxima pode ser vista como arcaica, mas nem tanto, quando olhamos para nossos aparelhos democráticos e vemos uma minoria de mulheres ocupando espaço. Esse é um dos exemplos dentre tantos que temos de sujeitos participantes que são condicionados historicamente a se manterem nesses lugares obsoletos.

No fim, o livro nos apresenta uma comparação entre a educação de massas e a educação libertária e crítica. A comparação acontece a partir do projeto chamado Movimento de Alfabetização Brasileira (Mobral) e a Pedagogia de Paulo Freire. A educação de Paulo Freire leva o indivíduo a assumir uma atitude crítica e curiosa diante dos problemas que lhe aparecem; em outras palavras, o objetivo é criar uma conscientização como um instrumento de libertação. Já o objetivo do Mobral, conforme análise de um dos artigos do livro, é uma educação de massas, ou seja, o propósito é um aproveitamento da mão de obra, uma inclusão do homem nos processos e no consumo que visam gerar crescimento econômico. Por isso, países que buscam uma redução da democracia em prol das classes dominantes usam do fantasma do comunismo para impedir esse tipo de educação libertária. A intolerância de países autoritários à pedagogia de Paulo Freire é porque “a conscientização, muitas vezes,

significa o começo da busca de uma posição de luta” (p. 182). Dessa forma, atentar para a manutenção do *status quo* é sempre um incômodo às classes dominantes. Entretanto, apesar desses obstáculos, que possamos trazer de volta uma educação que carregue no seu germe a revolta contra sistemas discriminatórios e que traga uma ameaça de convulsão social que desgaste esse ideal com “i” minúsculo.